



AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO GRUPO ESCOLAR PROFESSORA FLORIPES SODRÉ NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA ORAL: NARRATIVAS DAS EX-PROFESSORAS E EX-ALUNAS

Irani Silva CARVALHO¹
Ilze Arduini de ARAÚJO²

1. INTRODUÇÃO

A História Oral consolidou-se como uma importante abordagem metodológica no campo da pesquisa em educação por possibilitar o acesso às experiências, memórias e significados atribuídos pelos sujeitos aos acontecimentos vividos. Nessa perspectiva, de acordo com Thompson (1998), essa metodologia representa uma forma de democratização da história, pois insere na narrativa histórica as vozes daqueles que, por muito tempo, permaneceram à margem dos registros oficiais. Ao reconhecer o valor do testemunho individual, a História Oral amplia as formas de compreender o passado, integrando dimensões subjetivas, afetivas e culturais à análise histórica.

De acordo com Portelli (1997), o valor da fonte oral não reside unicamente na exatidão dos fatos narrados, mas, sobretudo, no significado que o narrador atribui às suas experiências, revelando como a memória é um espaço de construção simbólica e interpretativa do vivido. Essas contribuições tornam a História Oral especialmente fecunda para o campo educacional, ao permitir que memórias e narrativas revelem dimensões subjetivas das práticas escolares.

Nessa perspectiva, permite resgatar as práticas escolares e pedagógicas a partir da voz daqueles que as vivenciaram, como professoras, alunos e gestores, revelando aspectos que dificilmente emergem em documentos oficiais. Alberti (2004) destaca que a História Oral, ao articular memória e narrativa, constitui-se como um instrumento de preservação da memória social e cultural, sendo particularmente relevante para compreender instituições escolares e suas identidades formativas. Complementando essa visão, Meihy (2005) ressalta que a História Oral envolve um compromisso ético com a valorização das vozes e experiências silenciadas, promovendo um diálogo entre o passado e o presente e permitindo novas interpretações sobre o fazer pedagógico.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Grupo Escolar Professora Floripes Sodré, localizado em Jequié (BA), a partir das narrativas

¹ Doutoranda, Universidade Federal de Uberlândia, iraniscarvalho74@gmail.com.

² Doutoranda, Universidade Federal de Uberlândia, ilzearduini@gmail.com





das ex-professoras Mascena e Pereira (2023) e ex-alunas Santos e Trindade (2023), que vivenciaram o cotidiano escolar entre as décadas de 1970 e 2003. Fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral (Thompson, 1998; Portelli, 1997) e da História Cultural (Burke, 2008; Julia, 2001; Chartier, 1990), a pesquisa busca compreender de que modo as memórias individuais e coletivas revelam as práticas, os valores e os significados atribuídos à experiência escolar, permitindo refletir sobre o papel da instituição na história da educação local e sobre as práticas que moldaram sua cultura escolar.

Essa problemática dialoga com o que Dominique Julia (2001, p. 15) denomina de “entrar na caixa-preta da escola”, isto é, compreender o cotidiano e os gestos pedagógicos que, embora efêmeros, constituem a essência das práticas educativas. Também se aproxima das reflexões de Faria Filho et al. (2004), ao reconhecer que estudar as práticas escolares é um caminho fundamental para compreender as dinâmicas de produção da cultura escolar e suas transformações ao longo do tempo. Assim, a pesquisa se propõe a demonstrar como a combinação da História Oral e da História Cultural permite acessar e analisar de que modo as memórias individuais e coletivas das ex-professoras e ex-alunas evidenciam as práticas, os valores e os significados atribuídos à experiência escolar.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é qualitativa de caráter exploratório e adota a História Oral como abordagem metodológica. Paralelamente às entrevistas, foram analisadas fontes documentais e bibliográficas, incluindo registros históricos, documentos oficiais, como o Regimento Escolar da Instituição. Nesse sentido, Nosella e Buffa (2022) ressaltam que a combinação da análise documental com outras metodologias e fontes de pesquisa permite aos historiadores obter uma visão mais abrangente e precisa da história da educação, contemplando diferentes dimensões da cultura escolar e da experiência educacional.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas ex-professoras e duas ex-alunas do Grupo Escolar Professora Floripes Sodré, cujas narrativas possibilitaram reconstituir aspectos do cotidiano escolar. Conforme destaca Alberti (2004), uma das principais potencialidades da História Oral reside na capacidade de tornar o passado mais concreto e envolvente, ao transmitir a experiência vivida, favorecendo a divulgação do conhecimento. Quando aplicada de maneira criteriosa, essa metodologia apresenta elevado potencial educativo, ao permitir que o pesquisador compartilhe e interprete a experiência do outro. Contudo, esse mesmo aspecto exige atenção, rigor e responsabilidade na coleta, interpretação





e divulgação das entrevistas, garantindo a fidelidade e a ética na produção do conhecimento histórico. Dessa forma, a integração das fontes orais e documentais como o regimento escolar e fotos da época, constituiu o ponto chave da pesquisa, possibilitando a construção de uma narrativa fundamentada em múltiplas vozes e evidências, permitindo compreender com maior profundidade as práticas educativas da Instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inspirando-se na perspectiva dos Annales, Chartier (1990) destaca a importância de analisar instituições e sujeitos históricos no contexto cultural, enfatizando a relação entre discurso, leitura e experiência social. Burke (2008), por sua vez, evidencia que a História Cultural deve considerar também as estruturas sociais, econômicas e políticas, articulando práticas cotidianas, instituições e representações culturais. Ao combinar essas perspectivas, a investigação histórica amplia seu alcance, permitindo analisar instituições e práticas cotidianas por meio de fontes diversificadas, como aquelas que, neste estudo, revelam experiências e práticas do cotidiano escolar.

Julia (2001), observa que a história das práticas culturais apresenta grandes desafios de reconstrução, uma vez que tais práticas raramente deixam vestígios materiais. No caso da escola, embora possa supor o contrário por ser um espaço fortemente associado à escrita, os registros produzidos no cotidiano como exercícios e atividades escolares foram, em sua maioria, descartados ao longo do tempo. Segundo o autor, esse apagamento decorre tanto do pouco valor atribuído a esse tipo de produção quanto da necessidade recorrente das instituições de liberar espaço físico, o que resultou na perda da quase totalidade dos documentos escolares.

Diante da escassez de registros documentais, a memória revela-se essencial para reconstruir a história e dar corpo à cultura escolar por meio das lembranças de quem a vivenciou. Segundo Barros (2011), memória coletiva e individual são interdependentes: as recordações de grupos sociais estruturam a compreensão das experiências pessoais, enquanto relatos individuais ressignificam a memória coletiva. Nesse contexto, a História Oral constitui um instrumento privilegiado para recuperar experiências escolares e culturais invisibilizadas, possibilitando analisar práticas e significados pouco documentados. A partir das memórias das entrevistadas, foi possível reconstruir, entre 1970 e 2003, as práticas pedagógicas do Grupo Escolar, incluindo métodos de ensino, uso de materiais didáticos, avaliação, festas escolares, brincadeiras e a interação entre escola e famílias, revelando a cultura escolar construída ao longo desse período como veremos a seguir.





A reconstrução da trajetória do Grupo Escolar evidenciou que a escola foi fundada em outubro de 1970 e teve início de maneira modesta, com quatro salas de aula, secretaria e cozinha, abrigando turmas da 1ª à 4ª série do ensino primário, com cerca de trinta alunos em cada sala. Com o passar dos anos, a instituição expandiu suas atividades, oferecendo o turno noturno e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo às necessidades educacionais da comunidade local, conforme relataram a ex-professora Mascena e a ex-aluna Trindade (2023).

A organização das turmas após as matrículas, seguia a lógica seriada, com a distribuição dos alunos baseada em seus conhecimentos prévios. Mascena (2023) relatou que, antes do início do ano letivo, realizava-se uma sondagem para avaliar o domínio do alfabeto, a coordenação motora e a familiaridade com a escrita. Com base nesse levantamento, os estudantes eram alocados em ‘primeira série A’ e ‘primeira série B’ conforme seu nível de alfabetização: aqueles com maiores dificuldades frequentavam a 1ª série A, no turno da manhã, enquanto os com maior domínio em leitura e escrita eram encaminhados para a 1ª série B, à tarde. Essa prática visava oferecer um ensino adaptado às necessidades dos alunos, respeitando seu ritmo de aprendizagem.

Além da organização seriada e da triagem inicial dos alunos, a reconstituição das práticas de alfabetização evidenciou a combinação entre recursos tradicionais, como cartilhas, cadernos de caligrafia e atividades mimeografadas, e iniciativas voltadas à inovação pedagógica, revelando um processo gradual de adaptação às mudanças educativas da época. Segundo Mascena (2023), as tarefas eram inicialmente escritas à mão para cada aluno, sendo posteriormente introduzido o mimeógrafo, o que trouxe maior praticidade. A alfabetização apoiava-se no uso de cartilhas, destacando-se especialmente *Eu Gosto de Ler e Escrever* (Célia Passos e Zeneide Silva), adotada amplamente após sua seleção pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1997.

Essa cartilha, com linguagem simples e ilustrações alegres, refletia o ideal pedagógico de associar o aprendizado da leitura ao prazer de ler e escrever. Entretanto, como observam Thies, Peres e Monks (2016), esse tipo de material também reforçava uma visão romantizada da infância e do processo de alfabetização, ocultando as dificuldades e o esforço exigido dos alunos.

Diante dos relatos, presume-se que as práticas de ensino, baseavam-se predominantemente no método sintético alfabético, com forte ênfase na memorização das famílias silábicas e no uso de cantilenas e ditados. As atividades de cópia, leitura e escrita eram constantes, evidenciando um modelo pedagógico tradicional. Conforme Chervel (1990), esse





tipo de prática reflete a consolidação de uma cultura escolar própria, construída historicamente pela instituição escolar, que valoriza a repetição e a sistematização como meios de aprendizagem.

Essas práticas manifestavam-se também no processo avaliativo que, conforme Pereira (2023), era estruturado em quatro unidades e incluía provas trimestrais, ditados e a observação contínua do desempenho e do comportamento dos alunos. As notas iam de 0 a 10, sendo 7 a média exigida para aprovação. Santos e Trindade (2023) recordam que as provas, inicialmente manuscritas e depois mimeografadas, eram entregues em envelopes decorados com temas festivos, como São João e Natal, refletindo a integração entre cultura escolar e avaliação. Apesar de o Regimento Escolar de 2000 atribuir à avaliação um caráter investigativo e qualitativo, persistiam práticas tradicionais de controle e mensuração do aprendizado.

Outro aspecto evidenciado nas narrativas refere-se à condição de carência vivenciada pelos alunos, situação que era frequentemente compensada pela criatividade e pelo empenho das professoras. Como mencionado anteriormente, muitas produziam manualmente as atividades e recorriam a recursos próprios para assegurar a participação de todos. Mascena (2023) relembra: “Às vezes, eles não tinham lápis de cor, então eu levava, para ninguém ficar sem participar.” Tal prática revela não apenas a improvisação pedagógica diante das limitações materiais, mas também o compromisso ético e afetivo que caracterizava o trabalho docente no ensino primário, mesmo em contextos de escassez.

As fotografias do acervo da escola referentes ao ano de 2002 também contribuíram com as narrativas, auxiliando na reconstrução do ambiente da sala de aula. Como pode ser observado na Figura 1, elas revelam a disposição das carteiras enfileiradas, os alunos voltados para a professora e o quadro-negro como ponto central de atenção, elementos típicos do modelo disciplinar da escola graduada. Segundo Souza (1998), essa organização espacial não é neutra, mas reflete um projeto cultural que associa ordem, limpeza e moralidade à função educativa da instituição. Além disso, o mobiliário, os cartazes e o filtro de barro constituem artefatos da cultura material escolar, representando não apenas instrumentos de ensino, mas também valores de higiene, civilidade e respeito, considerados fundamentais para a formação do ‘aluno ideal’ da época.





Figura 1 - Sala de aula Grupo Escolar Professora Floripes Sodré em 17 de outubro de 2002



Fonte: Colégio [...] (2013) *apud* Carvalho (2024)

Assim como o espaço físico e os objetos da sala de aula expressavam valores educativos e normas de conduta, as comemorações escolares também desempenhavam papel central na transmissão de valores e na construção da identidade institucional. No Grupo Escolar Professora Floripes Sodré, festas como o Dia das Mães, o 7 de setembro, o Dia do Folclore, a Páscoa e as Festas Juninas integravam o calendário escolar e mobilizavam toda a comunidade. Conforme Julia (2001), esses eventos configuram rituais escolares que reforçam a coesão, os vínculos comunitários e a difusão de valores cívicos e morais.

Entre as comemorações mais significativas destacavam-se os desfiles de 7 de setembro e do aniversário da cidade, em 25 de outubro. Durante a Semana do Meio Ambiente, eram promovidas caminhadas, maquetes e palestras sobre a preservação do Rio das Contas, evidenciando a preocupação da escola em integrar o ensino a temas sociais e ambientais. As festas juninas, lembradas com entusiasmo por Santos e Trindade (2023), reuniam elementos da cultura regional como bandeirolas, comidas típicas, concursos e quadrilhas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização das tradições locais. Tais rituais, conforme Viñao Frago (2001), configuram formas de socialização e construção simbólica da escola como espaço de cultura.

Apesar das limitações estruturais do Grupo Escolar, que não dispunha de quadra nem de espaço formal para recreação, os alunos transformavam a área não pavimentada ao lado da escola em um ambiente vivo de convivência e aprendizado. A árvore de Algaroba e o pátio improvisado tornavam-se cenário de brincadeiras e interações marcadas pela criatividade e pela sociabilidade infantil. Essa realidade confirma as observações de Espinheira (1966) sobre a





desigualdade na oferta de áreas recreativas entre escolas urbanas e rurais, e dialoga com Souza (1998), para quem o pátio é um espaço intermediário entre o controle da sala e a liberdade da rua. Assim, ainda que modesto, o pátio assumia um caráter simbólico de transição, permitindo às crianças expressões corporais e afetivas que rompem, ainda que brevemente, com a rigidez disciplinar da instituição (Faria Filho, 2000).

As lembranças de Santos e Trindade (2023) revelam que, nesse espaço, as práticas lúdicas ocupavam lugar central na experiência escolar. Brincadeiras como picula, baleado, amarelinha e pula-corda expressavam o espírito criativo e coletivo das crianças, preservando tradições da cultura popular. Conforme Julia (2001), mesmo sob vigilância docente, os pátios escolares abrigam uma cultura infantil que resiste às tentativas de disciplinamento, configurando-se como espaço de autonomia e invenção. Para Kishimoto (1995) e Fonseca Junior (2019), essas atividades representam expressões da cultura lúdica que favorecem a convivência social e a transmissão de valores coletivos. Assim, o recreio e as brincadeiras no Grupo Escolar Floripes Sodré demonstram que, apesar da precariedade material, a escola também se constituía como espaço de imaginação, liberdade e construção de vínculos, dimensões fundamentais da experiência educativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das ex-professoras e ex-alunas do Grupo Escolar Professora Floripes Sodré evidenciaram uma escola marcada por limitações materiais, mas sustentada pelo compromisso ético e afetivo das docentes, que garantiam a participação e o aprendizado dos alunos. As práticas pedagógicas combinavam métodos tradicionais com tentativas de inovação, enquanto o espaço escolar, as avaliações e as festas cívicas e culturais refletiam valores de disciplina, pertencimento e sociabilidade.

A História Oral permitiu acessar dimensões subjetivas e afetivas da experiência escolar, muitas vezes ausentes nos registros oficiais, revelando como se construía a cultura escolar no cotidiano da instituição. Dessa forma, o Grupo Escolar se mostra não apenas como espaço de ensino, mas também de convivência, formação e preservação de valores culturais e comunitários, destacando o papel das escolas primárias na memória educacional de Jequié e no desenvolvimento da educação pública na Bahia.





REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar, textos em História Oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. **Tempos Históricos**, v.15, p. 317-343, 2011.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CARVALHO, Irani Silva. **Singularidades do Grupo Escolar Professora Floripes Sodré no interior da Bahia (1970 - 2003)**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.801>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/45126>. acesso em: 30 out. 2025.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177–229, 1990.

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSORA FLORIPES SODRÉ. **[Fotos do colégio]**. Jequié, 20 ago. 2013. Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/64498291@N06/9552066449/>. Acesso em: 9 nov. 2024.

ESPINHEIRA, Regina. **Aspectos qualitativos do ensino primário**. Salvador: MEC: INEP: Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia, 1966. Disponível em: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/index.php/crpe-ba-m001p02aspectos-qualitativos-do-ensino-primario>. Acesso em: 23 nov. 2024.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, p. 213, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de *et al.* A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139–159, 2004.

FONSECA JÚNIOR, João de Deus, **Os jogos de origem africana e Afro-brasileira**: uma proposta sociocultural para o ensino. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2019.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9–43, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1995.





MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-41, fev. 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

THIES, Lorena; PERES, Eliane; MONKS, Silvana. “Eu gosto de ler e escrever”: sentidos da alfabetização em títulos de livros escolares. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 20, n. 50, p. 653–669, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **La cultura escolar en la sociedad contemporánea**. Madrid: Morata, 2001.

ENTREVISTAS

MASCENA, Ednalda Monteiro. **Entrevista concedida à Irani Silva Carvalho**. Jequié - BA, 2023.

PEREIRA, Adail Maia. **Entrevista concedida à Irani Silva Carvalho**. Jequié - BA, 2023.

SANTOS, Rosângela Sousa. **Entrevista concedida à Irani Silva Carvalho**. Jequié - BA, 2023.

TRINDADE, Maria da Conceição. **Entrevista concedida à Irani Silva Carvalho**. Jequié - BA, 2023.

DOCUMENTOS

Grupo Escolar Professora Floripes Sodré. **Regimento Escolar**. [documento interno], Jequié: Núcleo Territorial de Educação (NTE-22), 29/12/2000.

